

OS DESDOBRAMENTOS DA DEMONSTRAÇÃO DO AFETO NA RELAÇÃO ENTRE EDUCADOR E EDUCANDO¹

Daniela Lizot Lorenson²
Prof^a Me. Maria Augusta D'Arienzo³

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo investigar os desdobramentos da demonstração do afeto na relação entre educador e educando no processo de ensino e de aprendizagem. Esse estudo qualifica-se como de abordagem qualitativa e método pesquisa bibliográfica. As reflexões e as assertivas acerca da afetividade e sua influência na aprendizagem dos educandos estão fundamentados em leituras de livros, artigos científicos e revistas on-line. Como considerações finais, destaca-se que por meio do afeto, o professor desenvolve a escuta e a fala sensível, cria espaços em que os educandos sintam-se confortáveis para manifestar seus sentimentos, compreendendo-os e auxiliando-os no desenvolvimento integral, além de facilitar o processo de aprendizagem dos mesmos.

Palavras-Chave: Afeto. Aprendizagem. Relação educador/educando.

1 INTRODUÇÃO

A demonstração da afetividade na relação educador e educando é fundamental para que o processo de ensino e de aprendizagem aconteça de forma significativa. Quando o afeto é manifestado pelo professor e pelos alunos na sala de aula, a educação se torna mais sensível, humana e compreensível.

O afeto está presente no cotidiano e é expressado de diferentes formas, que variam de acordo com a cultura de cada pessoa. No âmbito escolar, a afetividade acontece em distintas situações, como por exemplo na relação de compartilhamento de saberes entre educador e educandos, na escuta sensível, na compreensão e na empatia desenvolvidos nas relações educacionais.

A interação entre educador e educando é fundamental, também tem significativa importância a presença da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem. Durante a vivência da autora na docência nos anos iniciais e na educação infantil foi possível perceber a relevância de trabalhar de forma carinhosa, atenciosa e afetiva com os alunos.

¹ Trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação/FAED, da Universidade de Passo Fundo/UPF.

² Graduando do Curso de Pedagogia, da FAED, da UPF.

³ Orientadora. Mestre em Educação. Professora da Pedagogia, da FAED, da UPF.

No decorrer da prática de estágio, na função de monitora, no ensino fundamental, em escola da rede municipal de ensino, com a duração de um ano letivo, a autora acompanhou a turma do quarto ano, no qual um grande número de alunos possuíam necessidades financeiras e afetivas, moravam em ocupações e não demonstravam laços afetivos com os colegas e nem com a própria família. Neste contexto, foi possível perceber o quão importante foi o desenvolvimento da relação afetiva entre alunos e a professora titular, a sala de aula tornou-se um ambiente agradável para todos e isso facilitou as inter-relações entre os pares, e com a educadora, o que influenciou na melhora do processo de ensino e de aprendizagem.

Como Pibidiana, do Programa de Iniciação à Docência/PIBID, a autora teve outra experiência nos anos iniciais do ensino fundamental, trabalhou com uma turma do primeiro ano, a qual era recém-chegada à “escola grande”, fato que exigiu uma acolhida e ambientação afetuosa com o novo contexto escolar.

Atualmente, a autora atua na educação infantil, nessa etapa de ensino os alunos também necessitam de atenção e carinho, pois, como no exemplo anterior, estão sendo apresentados ao universo escolar pela primeira vez, e permanecerão por tempo significativo diariamente distantes do contexto familiar.

Com base no exposto, o trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar acerca dos desdobramentos da presença da afetividade na relação entre educador e educando no processo de ensino e de aprendizagem, descrevendo sobre a afetividade e sua manifestação no âmbito escolar, além de apresentar práticas desta expressão e seus impactos na educação.

Tais considerações permitem uma hipótese, se a educação é uma maneira de mudar o mundo, o afeto pode ser uma maneira de mudar para melhor a educação. A sua presença e manifestação podem facilitar a aprendizagem dos educandos e o trabalho de construção de conhecimento mediado pelo educador, considerando que há um compartilhamento de saberes entre os sujeitos do processo de ensino e de aprendizagem no contexto escolar.

Esse estudo tem abordagem qualitativa e método caracterizado pela pesquisa bibliográfica, sendo que os dados produzidos advêm de livros, artigos e revistas. Fundamentado nesse referencial teórico buscou-se revelar as possíveis repercussões acerca do trabalho desenvolvido na educação a partir da manifestação de afeto.

2 AFETIVIDADE, SEUS SIGNIFICADOS E O CONTEXTO ESCOLAR

Segundo o dicionário *Aurélio* de português a palavra afeto teve sua origem no latim *effectus* e significa ter imenso carinho por alguém ou algo, diretamente ligado ao estado emocional pode ser manifestado de diferentes modos, entre eles a amizade, o amor ou apego.

Todo o ser humano demonstra afeto em algum momento de sua vida, impossível negar esse sentimento, seja ele por alguém, algo/objeto ou por algum animal. É uma sensação que cada pessoa manifesta de uma forma, o que possibilita a existência de diferentes conceitos. Segundo Ribeiro, pode-se entender o termo afetividade por diversos significados, tais como: “atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal e social, motivação, interesse e atribuição, ternura, inter-relação, empatia, constituição da subjetividade, sentimentos e emoções” (RIBEIRO, 2010, p. 403).

Dessa forma, constata-se que o termo afetividade é uma expressão muito abrangente, e que pode por meio de emoções, sentimentos e ações, de acordo com características da personalidade e da cultura o indivíduo a expressa, para Leite,

a afetividade é situada como um conceito mais amplo, envolvendo vivências e formas de expressão humanas mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação dos sistemas simbólicos culturais pelo indivíduo, que vão possibilitar sua representação, mas tendo como origem as emoções. (LEITE, 2006, p. 21).

Nas palavras de La Taille (1992, p. 66) “[...] a afetividade seria a energia, que move a ação”, ou seja, por meio deste sentimento, que o autor trata como positivo, o afeto impulsiona ações, podendo ser manifestado nas relações de amizade, amor, pois é a expressão do apego, carinho ou admiração entre as pessoas em relação a algo ou alguém. Piaget *apud* Saltini afirma que,

o sentimento dirige a conduta ao atribuir um valor aos seus fins (...) A afetividade é caracterizada por suas composições enérgicas, com cargas distribuídas sobre um objeto ou um outro (*cathexis*) segundo as ligações positivas ou negativas. O que caracteriza, pelo contrário, o aspecto cognitivo das condutas é sua estrutura (1983, p. 226-227).

O afeto constitui o ser humano, como citado pelos autores, a afetividade é demonstrada de forma específica por cada indivíduo. Esse afeto é manifestado a uma pessoa, grupo de pessoas, objetos que tenham valor sentimental e que marcaram a vida dos sujeitos.

A afetividade humana é formada culturalmente. Oliveira e Rego (2003, p. 30) destacam que “[...] a dimensão da singularidade dos sujeitos é central na questão da

afetividade e remete a construção subjetiva do sujeito e ao conceito de personalidade”. O afeto tem relação direta com a personalidade do indivíduo e o processo de construção por meio das vivências, às vezes as pessoas não convivem de forma afetuosa no contexto familiar e/ou no convívio de forma geral, por este motivo acabam desenvolvendo dificuldade de demonstrar seus sentimentos.

Nesse contexto, questiona-se como a afetividade manifesta-se no âmbito educacional? A educação possibilita a mudança do indivíduo, da sociedade e por conseguinte do mundo. Na sala de aula o afeto pode auxiliar o processo de mudança promovido pela educação. Os alunos quando encorajados a enfrentar dificuldades, a resolver problemas complexos, a elaborar hipóteses e a criar laços afetivos, com colegas e professores, assumem a autonomia da sua aprendizagem.

O professor tem papel fundamental na condução desse processo na sala de aula, tanto como mediador na construção de conhecimentos, quanto no respeito à educação integral dos alunos, considerando o processo de aprendizagem e o bem-estar no contexto escolar. Existem diferentes formas de o professor manifestar uma relação afetuosa com seus alunos, um exemplo é dando atenção ao educando, ouvindo suas dúvidas e encorajando-o na busca de solução. Quanto ao papel do professor Saltini afirma que,

o educador não pode ser aquele indivíduo que fala horas a fio do seu aluno, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e colocá-las a serviço de sua vida. (SALTINI, 1997, p. 62)

Nesse sentido, é necessário que o professor conheça seus alunos, pois não trabalha com máquinas e sim com pessoas, que precisam de cuidados, atenção e afetividade. Este comportamento pode ser expressado por meio do olhar sensível do professor. Segundo Lopes (2011, p. 453) “a relação professor-aluno é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. A partir da relação com os docentes, ela adquire conhecimentos para todo o curso de vida e tem suas capacidades psicossociais promovidas”.

Quando o educador conhece a turma percebe com mais facilidade situações de conflito, pelas quais os educandos estão passando, e muitas vezes podem ser resolvidas por intermédio do diálogo; desenvolve um trabalho de forma humanizada ao dar atenção e ouvir os anseios, as necessidades de cada um; manifesta seu carinho e sua preocupação com a individualidade dos educandos.

O aluno quando experimenta ações como a citada anteriormente, sente-se mais confortável e aceito no ambiente escolar, o que gera consequências positivas no seu comportamento em sala de aula, sua concentração melhora e, por conseguinte, o processo de aprendizagem desenvolve-se de forma natural e com bons resultados. Comportamento reafirmado por Saltini (1997, p. 73) quando diz que “o professor (educador) precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva”.

A sala de aula como local prazeroso ao aluno, favorece sua aprendizagem e facilita a produção de conhecimento. Segundo Brandão (2002, p. 10) “[...] o processo de ensinar implica em uma nova forma de conceber a sala de aula que deverá ser não apenas um local de transmissão, mas principalmente, um espaço de construção de conhecimento”. Quando o aluno se sente parte do processo educacional, aprende com mais facilidade, pois as atividades tornam-se significativas.

Ser afetivo com seu aluno, não é apenas ser carinhoso, é preciso que o professor tenha consciência do seu papel no processo de ensino, mantendo uma postura que garanta um ambiente propício à aprendizagem, no qual os limites, a disciplina, o afeto encontram-se com a construção do conhecimento. Nessa concepção, Silva (2002, p. 53) afirma que ao “falar de afetividade na relação professor-aluno na perspectiva Walloniana, é falar de emoções, disciplina, postura [...]”, é necessário que haja um equilíbrio entre os aspectos apontados pela autora.

Paulo Freire, em uma das suas obras, traz o capítulo “ Ensinar exige querer bem aos educandos”, no qual revela que o professor precisa estar aberto ao desejo de querer bem, por mais difícil que seja. Para Freire,

esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato que, a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos (2013, p. 138).

Por esse motivo, percebe-se que o professor ao estar aberto a relação de afetividade na sala de aula, mostra-se disposto ao compromisso com os alunos, também, entende-se que a aceitação deste vínculo pelo aluno é fundamental para a consolidação dessa relação. Freire ressalta que não se deve colocar a afetividade acima do cumprimento ético, chamando a atenção para o fato de:

o que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor, no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem-querer que tenho por ele. (FREIRE, 2013, p. 138)

Essa afirmação permite inferir que o professor não pode favorecer um aluno no desenvolvimento e na avaliação da aprendizagem, pelo simples fato de ter laços afetivos mais fortes com ele do que com os outros. Mas, o equilíbrio entre o querer bem e o cumprimento com as atividades de cunho científico favorecem a aprendizagem do educando. Na sequência, apresentar-se-á estudos que mostram as repercussões da relação afetiva na educação.

3 RESULTADOS DA DEMONSTRAÇÃO DO AFETO NA EDUCAÇÃO E AS DIFERENTES FORMAS DE MANIFESTÁ-LAS

Para que haja melhores resultados no processo de ensino e de aprendizagem, seja na educação infantil ou no ensino fundamental, é necessário que o educador e o educando desenvolvam laços afetivos em sua relação, pois há transformação no desenvolvimento cognitivo quando, segundo Saltini, (1997, p. 15) “ o conhecimento só produz mudança na medida em que também é conhecimento afetivo”. Ou seja, a construção do conhecimento acontece de forma mais eficaz quando o educador e o educando desenvolvem um trabalho para além dos aspectos relacionados aos conteúdos científicos, ou seja, envolvendo, também, a afetividade.

Na relação entre professor e aluno, como destacado anteriormente, é essencial existir um vínculo afetivo. O ambiente escolar quando aberto ao ato de querer bem, por meio da afetividade, favorece a aprendizagem, pois professores e alunos desenvolvem atividades em que aprendem juntos. Nessa perspectiva Brandão (2002, p. 16) ressalta que o educador necessita entender o “conhecimento do valor da interação professor-aluno para não se posicionar como o dono do saber, mas ser capaz de compreender a sala de aula como o espaço de relações sociais e afetivas, humanizando o ato de aprender”. Uma das formas de humanizar a aprendizagem é por meio da escuta sensível, ao utilizar-se dela o professor promove a autonomia do aluno, compreendendo que ele não é uma tabula rasa, ao mesmo tempo que valoriza os conhecimentos prévios de seus educandos no planejamento de ensino.

A relação em sala de aula deve ser construída por meio de ações humanizadas, na qual a compreensão emocional e a identificação com o outro, possibilitam que o trabalho aconteça com mais sintonia, sob esse aspecto Brandão (2002, p. 22) adverte que “a relação professor-

aluno deve ser uma ação em equipe, em parceria, num relacionamento de diálogo”. A aprendizagem flui com mais facilidade quando professor e aluno trabalham em interação, assim afirma Silva,

o importante é entender que no decorrer de todo o processo de desenvolvimento a afetividade é como uma “energia” que impulsiona ações, ficando claro, no caso da escola, a importância da relação entre professor aluno, de modo que ambos convivam em um ambiente de harmonia, e que a aprendizagem, assim possa fluir com mais facilidade, havendo maior rendimento e maior interação entre ambos. (2002, p. 60).

O educador ao planejar as atividades de ensino precisa conhecer seus alunos, compreender suas necessidades, dificuldades e habilidades. Quando o educador pensa nas atividades a serem realizadas com a turma, além de considerar os objetivos de ensino, ganham destaque no planejamento os objetivos de aprendizagem, com o propósito de facilitar o desenvolvimento integral dos alunos, essa é uma das formas de manifestar afeto por eles.

Desde a observação da turma, o planejamento das aulas e a realização da mesma, o educador demonstra a afetividade, é o que afirmam Leite e Tassoni (2002, p. 13) “[...] é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor”. O educador potencializa o carinho por seus alunos, quando pensa em métodos que facilitem o processo de aprendizagem.

O educador, nesse sentido, não é mais um transmissor de conhecimentos e informações, mas sim um mediador junto aos educandos, com enfoque no desenvolvimento de saberes significativos, na construção de conhecimentos, no uso de práticas inovadoras que descompliquem a aprendizagem. Quanto ao papel do educador Ribeiro destaca que,

na atualidade, o papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo, pois ele deixou de ser apenas o repassador de informações e conhecimentos e já se reconhece como um parceiro do estudante na construção dos conhecimentos, parceria que implica novos saberes e atitudes que possibilitem aos estudantes integrar no processo de aprendizagem das disciplinas os aspectos cognitivo e afetivo e a formação de atitudes (2011, p. 405).

O ato de ensinar e de aprender envolve sentimentos, curiosidades e questionamentos, fato que é esclarecido por Freire (2013, p. 142) quando revela o seu entendimento acerca da educação, “como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Ressalta-se, a partir das palavras de Freire, que os sentimentos nas relações humanas, em especial no ambiente

escolar, é fundamental no desenvolvimento dos sujeitos para as trajetórias educacional e social.

Na sala de aula, as relações afetivas são fundamentais para que o processo de ensino e de aprendizagem seja significativo, considerando a realidade do aluno e compreendendo o contexto escolar, operando com o olhar atento e a escuta sensível dos seus educandos, reafirmam essa questão as autoras Nunes e Souza (2009, p. 24) quando indicam que “os professores precisam ter uma contínua atitude questionadora, bem como serem sensíveis, conscientes e disponíveis”.

Diante do exposto, compreende-se que a educação necessita de bons sentimentos e de relações envolvendo a afetividade, atitude que favorece a aprendizagem e a construção de saberes significativos, elaborados em conjunto entre educadores e educandos. Outra questão relevante, é que o educador além de estar aberto a ouvir e compreender o aluno, precisa observar, criar ambientes e situações nos quais os educandos sintam-se a vontade para manifestar seus sentimentos e para prosperar na aprendizagem, destaca-se que:

é necessário, portanto, criar ambientes que possibilitem aos alunos a representação de seus sentimentos. Tais representações sinalizam ao professor a necessidade de observar e ser sensível às várias situações de aprendizagem. [...] Tal capacidade observadora e sensível, por parte do professor, deveria estar presente em todos os segmentos de ensino (NUNES; SOUZA, 2009, p. 25).

Assim, o ambiente escolar se mostra mais sensível ao processo educacional, no qual educadores refletem e transformam suas práticas, de modo a desenvolver as atividades escolares favorecendo o ensino e a aprendizagem dos educandos, por meio de um trabalho baseado no conhecimento científica, mas também, nas relações afetivas, dando voz e considerando as particularidades dos educandos, dessa forma o processo de ensino e de aprendizagem torna-se um ato ativo e prazeroso nos diferentes níveis de ensino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, é possível verificar que a manifestação de afeto em sala de aula promove a aprendizagem, tornando o ambiente escolar um local mais agradável tanto para o professor como aos alunos, e constrói conhecimentos significativos.

Verifica-se que por vezes o afeto é confundido com apenas a demonstração de carinho, mas em sala de aula ele se torna um termo mais amplo, é necessário que o educador compreenda as dificuldades passadas por seus educandos, de forma a criar espaços em que os

alunos sintam-se à vontade para expor seus sentimentos, e para que sejam auxiliados a resolvê-los.

Nesse sentido, o afeto faz com que o trabalho do professor seja mais sensível e atento ao aluno e ao seu contexto social, pensando assim seu planejamento é mais flexível e centrado no educando. Quando o aluno sente-se cuidado e amado pelas pessoas ao seu redor e reconhece-se como integrante do processo de ensino e de aprendizagem, o seu desenvolvimento integral é facilitado e propício a prosperidade.

Por fim, acredita-se que o afeto traz desdobramentos positivos ao contexto escolar, e que a relação entre educador e educando é fortalecida pelo vínculo afetivo, o que torna a sala de aula um ambiente harmonioso, rico em conhecimentos e vivências significativas. Portanto, para que de fato a relação seja afetiva, os professores precisam compreender conhecer os educandos, seu meio social, suas dificuldades e talentos, assim optando pelas melhores formas de desenvolver as atividades, promovendo espaços de fala e escuta e de reconhecimento dos educandos, sujeitos ativos no processo de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online**. 2018. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/afeto>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47. ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LATAILLE, Yves de et al. Afetividade e cognição: Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: LATAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; SANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. 12. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992. Cap. 2, p. 66.

LEITE, Sergio Antônio da Silva (Org.). **Afetividade e Práticas Pedagógicas: Psicologia educacional**. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora, 2006.

LEITE, Sergio; TASSONI, Elvira. Afetividade em sala de aula: as condições ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversa**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

LOPES Ribeiro, Marinalva, A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia** [em línea] 2011, 27. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335744012>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

NUNES, Leonília de Souza; SOUSA, Maria de Fatima Guerra de. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da Educação Infantil**. 2009. 110 f. Dissertação

(Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Cap. 12. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4820/1/2009_LeoniliadeSouzaNunes.pdf>. Acesso em: 05 out. 2019.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina. Afetividade e cognição: Uma dicotomia em discussão. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus Editora, 2003. Cap. 2, p. 28. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=GIGJjoDVt1EC&oi=fnd&pg=PA53&dq=afetividade+psicologia&ots=ptvJ4qsNsl&sig=1AybUDbsoPbQOGM7AAK68qLU2sY#v=onepage&q=afetividade%20psicologia&f=true>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 3, p.403, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335744012>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SALTINI, Áudio J. P.. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Dp&a, 1997.

SALTINI, Cláudio João Paulo. **Afetividade e Inteligência: A emoção na Educação**. Rio de Janeiro: Dp&a, 1997.

SILVA, Roza Maria Santos. A importância da afetividade na relação professor-aluno. In: KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno: Contribuições à prática pedagógica**. Macio: Edefal, 2002. Cap. 4. p. 51-74.